

Recepção dos testemunhos biográficos acerca da vida e da obra de Antifonte  
[Receipt of biographical testimonials about life and work of Antiphon]

Anna Christina da Silva\*

Unimontes (Brasil)

O enigma que cerca a identidade de Antifonte é matriz de inúmeras reflexões. Quantos Antifontes existiram e, dentre eles, qual ou quais exerceram o ofício de sofista? Se for verdade que existiram diversos Antifontes, como distribuir entre eles as inúmeras obras e testemunhos doxográficos que chegaram até nós? Essas perguntas nos permitem pensar nas dificuldades que devemos resolver quando vemos os antigos e modernos leitores de Antifonte oscilando entre duas posições extremas: para uns existiram vários Antifontes, para outros existiu um único Antifonte. Por esta razão, examino no presente artigo os argumentos invocados por Ettore Bignone em seu livro *Studi sul Pensiero Antico*.

O mérito dos estudos de Bignone, *Antifonte Sofista ed il problema della sofistica nella storia del pensiero greco, Antifonte Oratore ed Antifonte Sofista e Studi stilistici su Antifonte Oratore e Antifonte Sofista*<sup>1</sup>, é ter sistematizado as idéias esparsas de seus antecessores, de as ter apoiado sobre uma série completa de referências e de ter apresentado conclusões nítidas e contundentes que nos obrigam a tomar partido. Por essas razões, nos permitiremos fazer aqui um breve relato das conclusões mais importantes dos estudos de Bignone.

Comentar “o ímpeto polêmico” e a “audácia das teses discutidas” no papiro encontrado em 1915, no Egito, que contém fragmentos da obra de Antifonte “sofista”, *A Verdade*<sup>2</sup>, é o objetivo do primeiro estudo: *Antifonte sofista ed il problema della*

---

\* Dirección para correspondencia: Depto. de Filosofia. Facultat de Filosofia i Lletres. Centro de Ciéncias Humanas (CCH). Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro - Vila Mauricéia - Montes Claros (Brasil). E-mail: salomonsilva@yahoo.com.br

<sup>1</sup> Todos estes estudos foram reunidos e publicados no livro *Studi sul Pensiero Antico*.

<sup>2</sup> A primeira publicação dos fragmentos aparece na seguinte edição: Grenfel B.P. & Hunt, A. S. (ed.). *The Oxyrhynchus Papyri*, t. XI, London, 1915. Os fragmentos foram publicados por Diels que os organizou através de colunas abandonando a antiga apresentação até então feita através da discriminação das duzentos e noventa e nove linhas que compõem o papiro. Ele também nomeou os fragmentos que correspondem a dois trechos distintos do papiro, usando as letras A e B que

*sofistica nella storia del pensiero greco*. A descoberta desse novo papiro representa, segundo Bignone 1965, p.03, a possibilidade de desvendar aspectos até então desconhecidos da vida política na Atenas de Péricles, além de nos mostrar o ambiente onde “se eleva a figura misteriosa de Sócrates”. O helenista italiano acrescenta, que na lista das discussões empreendidas pelo “sofista” no papiro, ocupa uma posição de destaque a censura que Antifonte dirige às opiniões mais difundidas na sua época acerca do conceito de justiça. Antes de analisar o fragmento, Bignone estuda, minuciosamente, as opiniões emitidas pelos sofistas e filósofos precedentes sobre o problema da justiça discutido por Antifonte. É esse o princípio metodológico que, segundo Bignone 1965, p. 10, permite entender melhor as “linhas interrompidas” do fragmento. Assim, Bignone se mostra extremamente sensível a todas aquelas interpretações que traem o “agudo talento” de Antifonte<sup>3</sup>.

No segundo estudo: *Antifonte oratore e Antifonte sofista*, Bignone busca diferenciar figuras homônimas que viveram em Atenas na mesma época e ocuparam papel de destaque na vida política e cultural. Bignone 1965,p. 161 considera essa questão como “um dos problemas mais complexos da literatura grega”. Para ele, é o texto de Hermógenes que, seguindo o gramático Dídimos, explicita que o sofista e o orador não são uma mesma pessoa. Hermógenes, tendo o problema estilístico como argumento central para distinguir os dois Antifontes, inaugura a divergência que irá se estender até os nossos dias. Depois de comparar os dados oferecidos por Hermógenes com os testemunhos de autores como Tucídides, Xenofonte e Plutarco e de analisar a apreciação dos helenistas contemporâneos ele conclui que nenhum dos dados nos auxiliam a distinguir “sem ambigüidade alguma” os dois Antifontes. Estas conclusões tão negativas, a respeito da identidade dos dois Antifontes, levam Bignone a listar as objeções apresentadas pelos helenistas que sustentam que “Antifonte orador” e “Antifonte sofista” são uma pessoa só. Na lista de objeções contra a “duplicação” da identidade de Antifonte, Bignone considera que a hipótese mais convincente é a de

---

acompanham a numeração 87 B44. Esta apresentação tornou-se canônica e foi publicada pela primeira vez em 1935 na já famosa coleção *Die fragmente der Vorsokratiker*. Em 1948, Mario Untersteiner edita em seu livro *I Sofisti* os fragmentos de Antifonte “sofista”. Untersteiner segue parcialmente a apresentação proposta por Diels, pois ele acrescenta um terceiro fragmento que, na sua opinião, deve ser atribuído a Antifonte. Em 1998, Jean-Paul Dumont traduziu para o francês os fragmentos de Antifonte seguindo a edição dos pré-socráticos tal como a organizaram Diels e Kranz.

<sup>3</sup> Com muita engenhosidade Bignone escreve: “Pare quasi si profilino innanzi a noi due persone diverse, o meglio, come dimostreremo, uno spirito complesso, su cui sarebbe pericoloso dare un giudizio affrettato” (Bignone, 1965, p. 07).

Alfred Croiset, que enfatiza a necessidade de re-agrupar a produção literária de Antifonte de acordo com as diferentes atividades que ele exerceu em diferentes momentos de sua vida. Croiset 1965, p.165, conjectura que um único Antifonte dedicou-se, num primeiro momento da sua vida, ao estudo da filosofia e, só mais tarde, passou a se dedicar à arte oratória e à vida política.

O diálogo com o estudo de Alfred Croiset leva Bignone a afirmar que a complexidade da questão exige que seja feito um exame muito atento de todos os textos e testemunhos de Antifonte que chegaram até nós. Exame que requer o “confronto” entre os textos do Antifonte “orador” e os textos do Antifonte “sofista”. Para confrontar os textos, Bignone segue a lista das obras dos dois Antifontes apresentada por Hermógenes em seu testemunho. A idéia fundamental deste trabalho é cuidadosamente exposta na seguinte passagem:

“De fato o argumento principal, adotado nos dias de hoje, para distinguir os dois Antifontes, é o argumento estilístico: Hermógenes também se serviu de razões estilísticas para provar a sua declaração”. [...] “na verdade não se pode excluir absolutamente que um mesmo escritor tivesse dois estilos diversos, em diversos períodos de sua vida. De qualquer modo, deve-se considerar como um importantíssimo argumento auxiliar quando se apóia em outros argumentos de índole mais positiva” (Bignone, 1965, p. 167).

Partindo dessa declaração Bignone passa a explicar que esses “outros argumentos de índole mais positiva” estão relacionados com o papel desempenhado pelos dois Antifontes na vida política de Atenas. Segundo Bignone, o testemunho seguro da *História* de Tucídides indica que o “orador Antifonte” era um aristocrata e foi o chefe dos oligarcas na conspiração dos Quatrocentos que derrubou o governo popular. Em contrapartida, argumenta Bignone, no texto do papiro de *Oxyrhynchus*, cujo estilo revela que a autoria pertence ao “Antifonte sofista”, encontramos idéias igualitárias que coincidem com o programa dos democratas atenienses. Outro exemplo importante, apresentado por Bignone, mostra que no mesmo papiro “Antifonte sofista” dirige contra as leis de sua época a “censura mais veemente que já foi feita na história do pensamento antigo”; enquanto o “Antifonte orador”, em seus discursos judiciários, “insiste particularmente sobre o valor jurídico e religioso das leis”. Feitas essas considerações, Bignone 1965, p.171, conclui que “com toda a probabilidade Antifonte, o orador, e Antifonte, o sofista, são, não só duas pessoas diversas, mas de opiniões contrárias”. Passamos para o terceiro e último estudo do helenista italiano

intitulado *Studi etilistici su Antifonte oratore ed Antifonte sofista*. Logo no início do texto, Bignone adverte o leitor que o valor e a importância que devem ser atribuídos ao critério estilístico não são reconhecidos por muitos helenistas contemporâneos que se declaram céticos a esse respeito. Ele também observa que, além dos helenistas céticos, existem aqueles que, embora reconheçam que o argumento estilístico é insuficiente para determinar a distinção dos dois Antifontes, julgam que esse argumento pode vir a ter um valor singular se forem apoiados “em outras razões de natureza diversa” (1965, p. 177). Para Bignone esta é a opinião mais sábia, pois pensar nessas “outras razões de diversa natureza” conduz à adequação dos alinhamentos estilísticos dos dois escritores com a descrição das suas “personalidades”, cujo reflexo mais nítido encontra-se nas ideologias políticas defendidas por eles.

Feitas essas considerações, Bignone 1965, p.181, submete o texto do papiro e os discursos judiciais a uma análise filológica minuciosa. Começando pela análise dos “caracteres principais da língua do orador”, ele diz que o orador foi notavelmente influenciado por Górgias. Seguindo a “prosa de arte” aprimorada por Górgias<sup>4</sup>, Antifonte “orador” adota em seus discursos o uso das “antíteses eurítmicas”, acompanhadas das aliterações e consonâncias. Esses recursos servem, segundo Bignone, para que os ouvidos imprimam na mente os argumentos trabalhados em cada frase. Esse artifício, usado com perspicácia pelo Antifonte, o orador, é muito útil e eficaz quando se trata de alcançar o êxito nos debates judiciais:

“O orador não se serve das antíteses em vão. Conhece os juízes e sabe que o duvidoso tem profundo domínio sobre eles. Todas as suas frases devem imprimir-se com força no ânimo de quem as escuta, trecho a trecho uma única idéia é expressa com duas palavras sinônimas, que, se unindo, tornam o período abundante e enérgico, forma e artifícios de Górgias, usados mais para jogo, porém infundidos de novas paixões” (1965, p. 184).

---

<sup>4</sup> Sobre os elementos mais peculiares da estética gorgiana que influenciaram Antifonte, Bignone observa: “La nuda prosa, seconda l'estetica di Gorgia, doveva venire in gara con la poesia; doveva crearsene uno più intimo, con l'opposizione sapiente d'uguali membri del período nei contrapposti: quasi, per dir così, *versi logici* nella prosa: com le sue rime, le allitterazioni, le consonanze volute, le ricche espressioni poetiche”.

E sobre a originalidade da prosa gorgiana, Bignone escreve: “Naturalmente Gorgia non fu l'inventore di quei suoi artifizi stilistici, usato già, più o meno consciamente, dai prosatori e dai poeti precedenti, ma egli fece regola di ciò che era eccezione” (Bignone, 1965, p. 181-182).

Todas essas características, conclui o helenista, seguramente correspondem à expressão de uma “personalidade aristocrática”. A mesma descrição não se aplica ao texto do papiro, escrito, supõe Bignone, pelo Antifonte “sofista”. No papiro, o uso das antíteses é raro, elas aparecem apenas quando são solicitadas pelo tema que explora a oposição entre *nómos* e *phýsis*. A oposição dos conceitos, consoante Bignone, resulta num “paralelismo artificioso”, pois, nesses casos, Antifonte, o sofista, não poderia evitar as antíteses para exprimir seu pensamento (1965, p. 186).

“No mais, vê-se no seu estilo algo mecânico e aí falta a complexidade do período do orador, no qual o equilíbrio dos opostos é sabiamente ordenado, com correspondências desejadas e combinações artisticamente variadas. A forma mental do escritor do papiro mostra a audácia de um espírito pouco crítico, no lugar da concentração afirma decidido sem dar ao pensamento uma personalidade que esteja nas coisas que diz e na coragem de exprimi-las sem reticências e rudemente” (1965, p. 187).

Com essas considerações, Bignone acredita ter confirmado a tese exposta mais acima: “com todas as probabilidades Antifonte orador e Antifonte sofista são, não só duas pessoas diversas, mas de opiniões contrárias”.

Quanto ao sentido geral dos estudos de Bignone entendemos que: 1- Ao tentar estabelecer através de certos traços estilísticos a personalidade de quem os escreveu, Bignone apresenta, com pouca nitidez, uma interpretação que por pretender ser “persuasiva”, acaba por suprimir as ambigüidades das diferentes interpretações até então apresentadas. 2- Se, por um lado, ele consegue demonstrar com clareza a diferença estilística entre os textos, o mesmo não ocorre quando a questão incide sobre a atribuição desses textos a dois Antifontes diferentes.

## BIBLIOGRAFIA

- ANTIPHON. *Discours*. Trad. Louis Gernet. Paris: Belles Letres, 1954.  
UNTERSTEINER, Mario. *Les Sophistes*. Trad. Alonso Tordesillas. Paris: Vrin, 1993.  
BIGNONE, Ettore. *Studi sul Pensiero Antico*. Roma: L’Erma di Bretschneider, 1965.  
TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Trad. Mario da Gama Cury. Brasília: Ed. UNB, 1986.  
DIELS, H.; KRANZ, W. *Die fragmente der Vorsokratiker*. Berlim: Weidmannsche Verlagsbuchandlung, 1952.